

Aline van Langendonck é uma artista da linha. Até aqui, conhecia melhor suas gravuras. Feitas com figuras reconhecíveis traçadas da maneira mais simples possível. Apareciam cadeiras, casas, objetos descritos quase como logotipos. O desenho é econômico sem muitos adjetivos. Em um trabalho, a artista descobre uma forma de mostrar a mesma cadeira de frente e de costas usando o mesmo desenho. Para que fosse convincente, a mancha gráfica aparecia de uma forma quando de frente e de outra de costas.

O desenho de tão simples, muitas vezes, é ambíguo. Víamos essas cadeiras como manchas deformadas e planas. Poderiam ser vistos como uma tentativa de sugerir ilusão de profundidade ou como uma mancha chapada. No desenho de uma casa vista de cima, Aline, sintetiza a figura ao ponto de transformar a planta em um esquema de formas geométricas justapostas sem profundidade. Vemos ao mesmo tempo a casa e uma estrutura linear quase abstrata.

As figuras sugerem deformação do ponto de vista. Artistas maneiristas do século XVI, muitas vezes recorriam a procedimentos pouco usuais de desenhar a figura e planejar o espaço de suas pinturas. Torna-se comum distorcer a forma ou as proporções. Utilizam a ideia como um expediente de recrudescimento da ilusão.

No caso das gravuras de Aline, essa distorção da forma, aponta para o lado oposto, para uma imagem que elimina o seu caráter ilusionista e nos entrega seus truques.

Nos trabalhos recentes de Aline, notamos que o seu interesse não é em aprimorar a ilusão, mas mostrar as imagens como formas de apreensão frágil. Uma descrição toda mediada por imitantes que mal sabem tomar o lugar do que é imitado. Um olhar que apreende o que perde.

Nesta exposição, ela mostra monotípias, esculturas, cadernos e um vídeo. As esculturas são objetos; escadas. Mais do que objetos para escalar, são objetos de olhar através. Que mostram como a nossa relação com a visão é mediada por outros filtros, contaminada por outras lentes. Entre um degrau e outro, através de uma

ripavertical e outra as imagens estão todas marcadas por linhas e faixas. A vista é enquadrada, a entrada de luz e a percepção dos objetos aparecem por detrás desses obstáculos que emolduram alguma coisa e se sobrepõe a outras. Vemos de relance entre uma coisa e outra.

O vídeo *Rio Grande* é um plano sequência. Filmado no interior de um trem, focaliza a vista através de uma janela com uma faixa no meio. A paisagem passa rápido. É interrompida pelas marcas na janela e o balanço do vagão. O enquadramento é fechado, o contraste entre a luz que vem de fora e a escuridão do interior do trem é forte. Como uma modulação de luz, o campo se abre e se fecha. Nunca chegamos a uma imagem limpa do espaço exterior, nem no desembarcar do trem. Enxergamos uns vestígios. A paisagem vai se modificando não só sob a influência do dispositivo de captação de imagem, mas também pela contaminação de outros intermediários. O vidro, a sujeira, os modos de luz. É como se a artista filmasse todas as contaminações de qualquer ponto de vista, que desmente a fidelidade do vídeo.

A série de monotípias é feita de formas brancas que surgem por trás de faixas pretas em diferentes proporções. Como no filme, o branco aparece como um campo menor ou maior surgir por de trás de uma estrutura opaca, uma luz que oscila por trás de um obstáculo à nossa visão. Os campos de branco aumentam e diminuem, modificando a relação com a faixa escura. Cada monotípia parece um *frame* de filme. Um pedaço de celuloide. É como se o desenho nos mostrasse a mesma imagem através de lentes diferentes. Uma paisagem feita em cinemascope, outra com uma lente fechada. Só que essas formas de distorção não são modos mais convincentes de produzir ilusão. São só ilusão. Tanto que não vemos figura nenhuma nas monotípias, mas relações simples de luz e sombra. Nas imagens de Aline van Langendonck, o mundo nunca chega fácil pra nós, só as suas sombras.